

Intervenção do Secretário-geral da UGT na Cimeira Sindical da CES/ETUC

“Plano de Ação para a Implementação do Pilar Europeu dos Direitos Sociais: Compromisso partilhado”

- SALÁRIOS JUSTOS
- EMPREGOS SEGUROS E DIGNOS
- PENSÕES DIGNAS
- IGUALDADE DE GÉNERO E DE OPORTUNIDADES
- TRABALHO SAUDÁVEL E DECENTE
- CONCILIAÇÃO ENTRE VIDA FAMILIAR E PROFISSIONAL
- PROTEÇÃO SOCIAL NO DESEMPREGO E NA REFORMA
- EDUCAÇÃO INCLUSIVA E DE QUALIDADE
- FORMAÇÃO PROFISSIONAL E MELHORIA DAS QUALIFICAÇÕES
- ERRADICAÇÃO DA POBREZA
- COMBATE ÀS DESIGUALDADES
- COMBATE A PRECARIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE TRABALHO
- DIÁLOGO SOCIAL E NEGOCIAÇÃO COLETIVA
- DEFESA DO MEIO AMBIENTE E ALERTA ÀS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Que poderei mais dizer ao poder político que não caiba neste elenco de matérias que constam do Pilar Social?

A dimensão económica tomou conta das nossas vidas, como se tudo girasse à volta da economia.

Esta Cimeira é um bom ponto de partida para que a dimensão social intervenha na governação nacional e europeia. Para que reganhe o seu lugar em PARIDADE com a dimensão económica.

A UGT PORTUGAL sempre acreditou que a integração europeia seria uma grande oportunidade para desenvolver Portugal, até alcançar padrões de bem-estar dos trabalhadores.

1/5 dos trabalhadores portugueses é pobre, como revelou, há poucos dias atrás, um estudo de uma Fundação portuguesa. E os dados da OCDE também não nos deixam tranquilos quantos às desigualdades.

É triste e difícil de compreender que um trabalhador em atividade seja pobre, passe fome e não tenha a capacidade de se sustentar, a si e à sua família.

É triste constatar que Portugal, depois de 35 anos da adesão à União Europeia, continua a ser um país de baixos salários. A pandemia não é desculpa para tudo. Os portugueses são um povo antigo, que teima em encontrar argumentos que justifiquem as nossas incapacidades e desilusões, sobretudo culpando terceiros.

Hoje não é o caso.

Queremos acreditar, como sempre acreditámos, na solidariedade europeia. E devemos confessar que, apesar da burocracia e das demoras em respostas urgentes, a União Europeia nunca nos faltou.

Tal como nunca nos faltou a solidariedade sindical da CES e dos seus filiados.

Os milhões de euros provenientes dos fundos estruturais europeus têm um objetivo – contribuir para desenvolver a economia portuguesa, torná-la mais robusta e resiliente às sucessivas crises conjunturais que nos têm afetado, mas também investir na educação e formação dos nossos trabalhadores, onde muitos deles ainda estão longe de corresponder às necessidades e exigências do mercado de trabalho. E servem para promover a coesão social e territorial, onde o nosso interior começa agora a verificar algum investimento que fixa populações e cria empregos.

Mas alerta também que, o facto de muitos trabalhadores serem qualificados, tal não corresponde, na maioria dos casos, a um emprego bem remunerado. E a emigração tem sido o caminho de muitos.

O aumento do salário mínimo nacional desde 2014, dos 485 até aos 665 euros, também teve o cunho da UGT, que nunca fugiu à sua responsabilidade no diálogo social com o Governo e com os empregadores, num verdadeiro espírito de compromisso.

Saudamos a presidência portuguesa da União Europeia e a coragem de António Costa em dar prioridade à dimensão social.

Saudamos a ministra Ana Mendes Godinho pela capacidade de dar resposta aos enormes desafios lançados pela crise pandémica. Se a taxa de desemprego se mantém hoje na casa dos 6%, muito se deve à política social que o Governo teve de implementar para evitar uma crise social de consequências incalculáveis e aos esforços da Ministra e da sua equipa em procurar, com os parceiros sociais, em ambiente de diálogo, as soluções possíveis em momentos de tantas dificuldades e emergência.

A José Vieira da Silva saudamos pela experiência de governação passada, com sensibilidade social, que colocou ao serviço da Comissão Europeia e que o senhor Comissário Nicholas Schmidt soube potenciar.

Agora, falta a coragem dos líderes europeus, dos empregadores e, já agora, também de alguns sindicalistas, em assumir o compromisso a que o Plano de Ação a todos nos convoca para implementar o Pilar dos Direitos Sociais. Sabemos o que é preciso fazer.

Falta agora dar corpo, gradualmente, a uma Europa mais justa, mais perto dos seus cidadãos, onde as questões sociais não se verifiquem a várias velocidades. Os europeus não compreenderiam esse desfasamento.

Haja coragem política para aproximar a Europa dos seus cidadãos, a Europa que os pais fundadores sonharam e a que hoje devemos dar seguimento.

Parabéns à CES e ao Luca Visentini por terem colocado o movimento sindical no centro da discussão e reflexão sobre a dimensão social da União Europeia, nesta Cimeira de enorme relevância.

Esta Cimeira não é, de todo, nem nunca poderia ser, perante os seus protagonistas e organizadores, um qualquer ataque neo-liberal aos direitos dos trabalhadores e à soberania nacional, como alguém referiu, há dias atrás.

Saibamos construir, ser inclusivos e não deixar ninguém para trás.

Essa é a melhor apologia do movimento sindical que a CES personifica e em que a UGT acredita.

Esse é o desafio da União Europeia, hoje e nos próximos anos. É preciso ambição e determinação, senhor Comissário Schmidt e senhor Primeiro-Ministro António Costa.

Este é o vosso tempo e o tempo de todos nós.

Tenho confiança na União Europeia, coloque a governação social na agenda e nas prioridades de todos os Estados-membros.

Obrigado
Carlos Silva
Secretário-geral da UGT